

**O BNB E O DESENVOLVIMENTO DO NORDESTE BRASILEIRO:
VELHAS E NOVAS MISSÕES PARA UMA ECONOMIA EM MUDANÇA¹****Aristides Monteiro Neto**

Pesquisador sênior na Diretoria de Estudos Regionais, Urbanos e Ambientais do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Dirur/Ipea); e professor no mestrado em políticas públicas e desenvolvimento do Ipea.

Fernando Cezar de Macedo

Pesquisador associado do Ipea; e professor titular no Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

Raphael de Oliveira Silva

Pesquisador associado do Ipea.

DOI: <http://dx.doi.org/10.38116/td2837>

Muito tem sido estudado e escrito sobre a atuação do Banco do Nordeste do Brasil (BNB) na economia nordestina, por exemplo, a respeito do seu impacto no produto interno bruto (PIB), na formação de capital, na geração de empregos e na diversificação setorial, entre outros aspectos. Desde sua criação, na década de 1950, este banco se tornou um instrumento de realização do objetivo nacional de modernização econômica. Para tal, perseguir a mudança estrutural por meio da industrialização regional, bem como da modernização de atividades agropecuárias e terciárias, tem sido sua tarefa predominante em todo esse período.

Algumas transformações paradigmáticas vêm ocorrendo nas últimas duas décadas, ora na economia mundial, ora na brasileira, requerendo mudança de enfoque e/ou de forma de atuação dos bancos públicos. De um lado, a crise financeira internacional de 2007 a 2008 e, em seguida, a crise sanitária global provocada pela pandemia da covid-19 em 2020 e 2021 vieram permitir uma revisão das ideias sobre a

atuação e presença de bancos públicos de desenvolvimento (BDs), trazendo assim mais demanda para seu uso por diversos governos em países desenvolvidos e em desenvolvimento (Mazzucato, 2021; Xu, Ren e Wu, 2019; Griffith-Jones, 2018; Mazzucato e Penna, 2015). De outro lado, no caso brasileiro, questões estruturais na ordem do dia ligadas à presença de continuada desindustrialização e à expansão da produção e exportação de *commodities* agrominerais vêm moldando um novo quadro econômico e institucional para a atuação renovada de um banco de desenvolvimento regional.

Desse modo, percebe-se com certa apreensão a cristalização no Brasil de um processo de mudança estrutural nas atividades econômicas, caracterizado por forte componente regressivo, definido por perda de relevância da indústria no conjunto das atividades econômicas, queda na produtividade geral da economia, dificuldades para a renovação produtiva a partir do paradigma microeletrônico (tecnologias de informação e comunicação – TICs) e expansão das atividades

1. Este texto corresponde a uma versão revisada e modificada de trabalho elaborado originalmente, sob o título *O BNB e o desenvolvimento do Nordeste brasileiro: reflexões sobre sua atuação recente, prospecções de atuações futuras*, a pedido do Banco do Nordeste (BNB) para compor a publicação *Banco do Nordeste do Brasil: 70 anos de contribuição para o desenvolvimento regional*, edição comemorativa dos setenta anos de sua criação em 2022 e organizada por Airton Saboya Valente, Maria Odete Alves e Camila Ribeiro Cardoso dos Santos, servidores daquela instituição. Esta versão revisada foi apresentada e debatida em seminário interno no Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) em 18 de outubro de 2022 e contou com valiosos comentários dos especialistas Airton Valente Junior (BNB) e Lucas Roosevelt Ferreira Linhares (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico – BNDES). As posições assumidas e os erros porventura remanescentes são de responsabilidade dos autores.

SUMEX

agrominerais exportáveis com fracos efeitos propulsores intersetoriais e inter-regionais. Esses fatores contribuem para que o país permaneça na “armadilha” da renda média e encontre dificuldades para a geração de postos de trabalho formais e aumento do valor agregado nacional (Diniz, 2019; Brandão, 2019; Negreiros e Monteiro Neto, 2019; Monteiro Neto, Silva e Severian, 2020). Fatores que resultam em enfraquecimento do mercado interno duramente construído entre as décadas de 1930 e 1980.

Reconhece-se que cada uma das grandes regiões brasileiras se associa a esse quadro regressivo nacional a partir de sua especificidade e maturidade produtiva, contudo, elas não têm, *grosso modo*, escapado ao padrão prevalecente de baixo grau de mudança estrutural. A economia da região Nordeste, área de atuação do BNB, ainda que tenha apresentado *performance* econômica positiva nessas últimas duas décadas, viu se expandirem com mais intensidade as atividades agro-exportáveis e do setor de serviços que as industriais. Ou seja, atividades caracterizadas por baixo impulso dinâmico setorial e inter-regional (agropecuária e serviços) tiveram mais proeminência econômica que aquelas cujos efeitos para frente e para trás são mais expressivos (a indústria).

A trajetória de baixo dinamismo estrutural instalada forçosamente está a requerer um esforço nacional para revisar e atualizar os papéis a serem desempenhados por um banco regional de desenvolvimento como o Banco do Nordeste, o qual tem se apresentado, nessas últimas duas décadas, em trajetória de mais disponibilidade de recursos para suas atividades.

Se esse é o padrão produtivo que está se consolidando, pode-se perguntar se ele é desejável para uma região com nível de produto por habitante em torno de apenas 60% do nacional? E, para estimular a implementação de outra trajetória produtiva de mais alto valor agregado, o que caberia ao BNB fazer nesse contexto?

A fim de problematizar possíveis novos caminhos de atuação desse importante banco de desenvolvimento, realizamos uma avaliação detalhada da aplicação de seus recursos no período 2000-2020. Entendemos que se espera de um banco de desenvolvimento regional que ele atue com a finalidade de realizar uma estratégia de mudança estrutural de longo alcance, a

qual se organizaria simultaneamente em dois eixos: *atuação setorial*, isto é, por atração de novas atividades e/ou consolidação de atividades preexistentes de mais valor agregado e conteúdo tecnológico para uma dada região onde atua; e *atuação territorial*, isto é, para o fortalecimento de sub-regiões específicas (na região maior), visando à redução de disparidades inter-regionais indesejáveis.

Desse modo, este estudo se dedica a investigar, de um lado, as aplicações setoriais dos desembolsos do BNB e como estas se direcionam a atividades promissoras para a mudança estrutural; de outro lado, traz evidências de uma geografia dos desembolsos totais e setoriais com dados estaduais e microrregionais e seus padrões territoriais predominantes no período. Busca-se apontar se e como o BNB se aproxima ou se distancia de estratégias de mudança estrutural condizentes com aqueles que são, na percepção dos autores, os desafios centrais das economias nordestina e brasileira.

REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, C. A. Mudanças produtivas e econômicas e reconfiguração territorial no Brasil no início do século XXI. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais (RBEUR)**, v. 21, n. 2, p. 258-279, 2019.
- DINIZ, C. C. Corrida científica e tecnológica e reestruturação produtiva: impactos geoeconômicos e geopolíticos. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais (RBEUR)**, v. 21, n. 2, p. 241-257, 2019.
- GRIFFITH-JONES, S. National development banks for inclusive and sustainable development. *In*: GRIFFITH-JONES, S.; OCAMPO, J. A. (Ed.). **The Future of National Development Banks**. Oxford University Press, 2018.
- MAZZUCATO, M. **Economia de missão: um guia ousado e inovador para mudar o capitalismo**. Lisboa: Bertrand Editora, 2021.
- MAZZUCATO, M.; PENNA, C. **The rise of mission-oriented state investment banks: the cases of Germany's KfW and Brazil's BNDES**. Sussex, UK: SPRU, 2015. (Working Paper, n. 1/2015).

MONTEIRO NETO, A.; SILVA, R. de O.; SEVERIAN, D. Região e indústria no Brasil: ainda a continuidade da “desconcentração concentrada”? **Revista Economia e Sociedade**, v. 29, n. 2/69, p. 581-607, 2020.

NEGREIROS, R.; MONTEIRO NETO, A. Dossiê paradigmas técnico-econômicos e reconfiguração territorial. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais (RBEUR)**, v. 21, n. 2, p. 223-240, 2019.

XU, J.; REN, X.; WU, X. **Mapping development finance institution worldwide**: Definitions, rationales, and varieties. Beijing: Institute of New Structural Economics/Peking University, 2019. (NSE Development Financing Research Report, n. 1).